

Patrick Rothfuss

ONOME
DO
VENTO

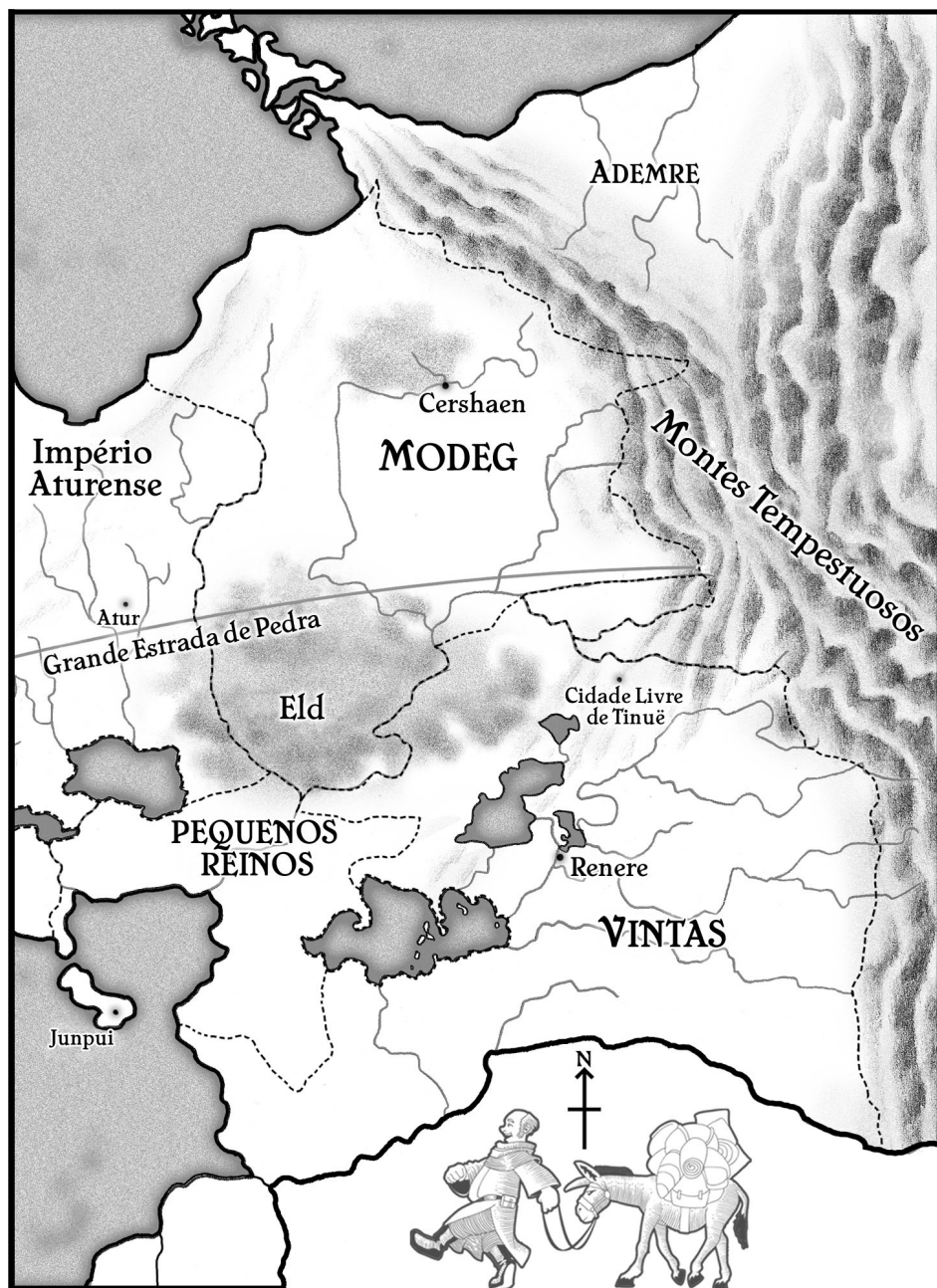
*A Crônica do Matador do Rei:
Primeiro Dia*



Para minha mãe, que me ensinou a amar
os livros e me abriu as portas de
Nárnia, Pern e a Terra-Média.

E para meu pai, que me ensinou que se eu
pretendia fazer alguma coisa devia ir com
calma e fazê-la direito.





Um silêncio de três partes

NOITE OUTRA VEZ. A Pousada Marco do Percurso estava em silêncio, e era um silêncio em três partes.

A parte mais óbvia era uma quietude oca e repleta de ecos, feita das coisas que faltavam. Se houvesse vento, ele sussurraria por entre as árvores, faria a pousada ranger em suas juntas e sopraria o silêncio estrada afora, como folhas de outono arrastadas. Se houvesse uma multidão, ou pelo menos um punhado de homens na pousada, eles encheriam o silêncio de conversa e riso, do burburinho e do clamor esperados de uma casa em que se bebe nas horas sombrias da noite. Se houvesse música... Mas não, é claro que não havia música. Na verdade, não havia nenhuma dessas coisas e por isso o silêncio persistia.

Dentro da pousada, uma dupla de homens se encolhia num canto do bar. Os dois bebiam com serena determinação, evitando discussões sérias ou notícias inquietantes. Com isso, acrescentavam um silêncio pequeno e soturno ao maior e mais oco. Ele formava uma espécie de amálgama, um contraponto.

O terceiro silêncio não era fácil de notar. Se você passasse uma hora escutando, talvez começasse a senti-lo no assoalho de madeira sob os pés e nos barris toscos e lascados atrás do bar. Ele estava no peso da lareira de pedras negras, que conservava o calor de um fogo há muito extinto. Estava no lento vaivém de uma toalha de linho branco esfregada nos veios da madeira do bar. E estava nas mãos do homem ali postado, que polia um pedaço de mogno já reluzente à luz do lampião.

O homem tinha cabelos ruivos de verdade, vermelhos como a chama. Seus olhos eram escuros e distantes, e ele se movia com a segurança sutil de quem conhece muitas coisas.

Dele era a Pousada Marco do Percurso, como dele era também o terceiro silêncio. Era apropriado que assim fosse, pois esse era o maior silêncio dos três, englobando os outros dentro de si. Era profundo e amplo como o fim do outono. Pesado como um pedregulho alisado pelo rio. Era o som paciente – som de flor colhida – do homem que espera a morte.

Um lugar para demônios

ERA NOITE DE CAEDES e o grupo de praxe se reunia na Pousada Marco do Percurso. Cinco pessoas não chegavam a ser propriamente uma grande aglomeração, mas eram tudo o que a hospedaria andava recebendo nos últimos tempos, dada a situação vigente.

O velho Cob cumpria seu papel de contador de histórias e distribuidor de conselhos. Os homens no bar bebericavam e escutavam. No quarto dos fundos, um jovem hospedeiro se postava fora da visão deles, atrás da porta, sorrindo ao ouvir os detalhes de uma história familiar.

– Quando acordou, o Grande Taborlin descobriu-se trancado numa torre alta. Tinham levado sua espada e tirado suas ferramentas: chave, moeda e vela, tudo se fora. Mas isso não era o pior, vocês sabem... – Cob fez uma pausa para aumentar o efeito – ...porque as lamparinas da parede emitiam uma chama azul!

Graham, Jake e Shep acenaram com a cabeça, absortos. Os três amigos haviam crescido juntos, ouvindo as histórias de Cob e ignorando seus conselhos.

Cob olhou de perto para o membro mais novo e mais atento de sua pequena platéia, o aprendiz de ferreiro.

– Sabe o que isso quer dizer, garoto?

Todos o chamavam “garoto”, apesar de ele ser um palmo mais alto que qualquer dos presentes. Sendo as cidadezinhas como são, o mais provável era que ele continuasse a ser “garoto” até ficar com a barba farta ou ensangüentar o nariz de alguém por causa disso.

O aprendiz balançou a cabeça devagar:

– O Chandriano.

– Isso mesmo – disse Cob, com ar de aprovação. – O Chandriano. Todo mundo sabe que o fogo azul é um dos sinais do grupo. Pois então ele estava...

– Mas como foi que eles o acharam? – interrompeu o garoto. – E por que não o mataram quando tiveram chance?

– Cale a boca, você terá todas as respostas antes do final – repreendeu Jake. – Deixe ele contar a história.

– Não precisa falar assim, Jake – interpôs Graham. – O garoto só está curioso. Tome a sua bebida.

– Já tomei minha bebida – resmungou Jake. – Preciso de outra, mas o hospedeiro inda tá esfolando ratos no quarto dos fundos. Ei! – exclamou, elevando a voz e batendo com o caneco vazio no tampo do bar de mogno. – Tem gente com sede aqui!

O hospedeiro apareceu com cinco tigelas de ensopado e duas broas quentinhas. Serviu mais cerveja a Jake, Shep e ao velho Cob, movimentando-se com um ar eficiente e atarefado.

A história foi posta de lado enquanto os homens tratavam de jantar. O velho Cob devorou sua tigela de ensopado com a desenvoltura predatória de um solteirão vitalício. Os outros ainda estavam soprando o vapor das tigelas quando ele terminou o último pedaço de pão e retomou a história.

– Pois então Taborlin precisava fugir, mas, ao olhar ao redor, viu que sua cela não tinha porta. Nem janelas. Em toda a sua volta não havia nada além de pedra lisa e dura. Era uma cela da qual nenhum homem jamais havia escapado.

– Mas Taborlin sabia os nomes de todas as coisas – prosseguiu –, de modo que todas as coisas estavam sob o seu comando. Ele disse à pedra: “Quebre!”, e a pedra se quebrou. A parede se rasgou feito um pedaço de papel e, pelo buraco, Taborlin pôde ver o céu e respirar o ar adocicado da primavera. Pisou na borda, olhou para baixo e, sem pensar duas vezes, deu um passo no ar...

Os olhos do garoto se arregalaram.

– Ele não pode ter feito isso!

Cob balançou a cabeça, com ar sério.

– E assim Taborlin caiu, mas não se desesperou. É que ele sabia o nome do vento e por isso o vento lhe obedecia. Falou com o vento, que o aninhou e afagou. Levou-o até o chão com a suavidade de um sopro na lanugem de um cardo e o pôs de pé devagarzinho, como um beijo materno. Quando chegou ao solo, ele apalpou o lado em que o haviam esfaqueado e viu que mal havia um arranhão. Bem, pode ser que tenha sido apenas sorte – disse Cob, com um tapinha de entendido na lateral do nariz.

– Ou talvez tenha tido a ver com o amuleto que ele usava embaixo da camisa.

– Que amuleto? – perguntou o garoto, ansioso, com a boca cheia de ensopado.

O velho Cob reclinou-se no banco, contente pela oportunidade de se estender.

– Dias antes, Taborlin tinha topado com um latoeiro na estrada e, mesmo não tendo muito o que comer, dividira sua refeição com o velho.

– E foi uma coisa muito sensata – disse Graham ao garoto, baixinho. – Todo mundo sabe: “O latoeiro paga em dobro pela bondade.”

– Não, não – resmungou Jake. – Fale direito: “O conselho do latoeiro dobra a bondade em dinheiro.”

O hospedeiro se manifestou pela primeira vez nessa noite.

– Na verdade, você está pulando mais da metade – disse, parado no vão da porta atrás do bar:

*“Dívida de latoeiro é sempre quitada:
Se é negócio simples, uma vez por cada;
Duas pela ajuda, se de graça é dada,
E três há de pagar a ofensa praticada.”*

Os homens do bar pareceram quase surpresos ao ver Kote parado ali. Fazia meses que iam à Marco do Percurso, toda noite de caedes, e ele nunca havia interposto nada até então. Não que se pudesse esperar outra coisa, na verdade. Mal fazia um ano que estava na cidade. Ainda era um estranho. O aprendiz de ferreiro morava lá desde os 11 anos e todos ainda se referiam a ele como “aquele garoto de Rannish”, como se Rannish fosse outro país e não uma cidade a menos de 50 quilômetros de distância.

– É só uma coisa que ouvi um dia – disse Kote, para encher o silêncio, obviamente constrangido.

O velho Cob balançou a cabeça antes de pigarrear e tornar a se lançar na história.

– Pois bem, esse amuleto valia um balde inteiro de régios de ouro, mas, graças à bondade de Taborlin, o latoeiro o vendeu a ele por nada além de um vintém de ferro, um de cobre e um de prata.¹ Era negro como uma noite de inverno e frio como gelo, mas, enquanto Taborlin o usasse no pescoço, ficaria livre dos danos de coisas maléficas: demônios e outros que tais.

– Eu daria um bom dinheiro por um amuleto desses hoje em dia – disse Shep, com ar lúgubre. Ele era quem mais tinha bebido e menos falado ao longo da noite. Todos sabiam que alguma coisa ruim acontecera em sua fazenda no último dia-da-pira,² à noite, mas, como eram bons amigos, percebiam que não deviam pressioná-lo para obter detalhes. Pelo menos não tão cedo, não enquanto estivessem sóbrios como estavam.

– Ora, e quem não daria? – retrucou o velho Cob, em tom judicioso, bebendo uma boa golada.

– Eu não sabia que o Chandriano era um grupo de demônios – comentou o garoto. – Tinha ouvido falar...

– Eles não são demônios – interrompeu Jake, com firmeza. – Foram as primeiras seis pessoas a recusar a escolha do caminho proposta por Tehlu, então ele os amaldiçoou e os condenou a vagar pelos confins...

– É você que está contando essa história, Jacob Walker? – perguntou Cob, ríspido. – Porque, se for, eu o deixo continuar.

Os dois se olharam de cara feia por um bom minuto, mas Jake acabou desviando o rosto e resmungando alguma coisa que bem poderia ser um pedido de desculpas.

Cob voltou-se outra vez para o garoto.

– Esse é o mistério do Chandriano – explicou. – De onde vem o grupo? Para onde vai, depois de praticar suas maldades sangrentas? Serão homens que venderam a alma? Demônios? Espíritos? Ninguém sabe – concluiu. Em seguida lançou um olhar profundamente desdenhoso a Jake: – Embora qualquer bobalhão *afirme* saber...

Nesse ponto, a história enveredou por novas alterações a respeito da natureza do Chandriano, dos sinais que indicavam sua presença aos precavidos e de determinar se o amuleto protegeria Taborlin de bandidos, cães raivosos ou de uma queda do cavalo. As coisas iam ficando quentes quando a porta da entrada se abriu de chofre.

Jake virou-se.

– Já era hora de você chegar, Carter. Diga a esse idiota a diferença entre um demônio e um cão. Todo mundo sa... – interrompeu-se no meio da frase e correu para a porta: – Pelo corpo de Deus, que aconteceu com você?

Carter entrou na parte iluminada, com o rosto pálido e sujo de sangue. Segurava junto ao peito uma velha manta para sela que tinha uma forma estranha, desajeitada, como se embrulhasse um monte de gravetos.

Os amigos pularam das banquetas e correram em sua direção ao vê-lo.

– Eu estou bem – disse ele, entrando a passos lentos no salão. Tinha o olhar meio arisco, feito um cavalo assustado. – Estou bem, estou bem.

Largou na mesa mais próxima a trouxa de manta, que bateu com força na madeira, como se estivesse cheia de pedras. A roupa de Carter estava retalhada em cortes compridos e retos. A camisa cinza pendia em frangalhos, exceto nos pontos em que se grudara no corpo, manchada de um vermelho escuro e sombrio.

Graham tentou ajudá-lo a se acomodar numa cadeira.

– Pela mãe de Deus, sente-se, Carter. Que foi que aconteceu? Sente-se.

Carter abanou a cabeça, obstinado.

– Eu já disse que estou bem. Não me machuquei tanto assim.

– Quantos foram? – indagou Graham.

– Um. Mas não é o que vocês estão pensando...

– Raios, eu lhe avisei, Carter! – explodiu o velho Cob, com o tipo de raiva assustada que só os parentes e amigos íntimos conseguem acumular. – Já faz meses que eu lhe aviso! Você não pode sair sozinho. Nem mesmo só pra ir a Baedn. Não é seguro.

Jake pôs uma das mãos no braço do velho, para acalmá-lo.

– Trate apenas de se sentar – repetiu Graham, ainda tentando conduzir Carter a uma cadeira. – Vamos tirar essa camisa e limpá-lo.

Carter abanou a cabeça.

– Eu estou bem. Só me cortei um pouco, mas o sangue é quase todo da Nelly. A coisa pulou em cima dela. Matou-a a uns 3 quilômetros da entrada da cidade, depois da Velha Ponte de Pedra.

A notícia foi seguida por um momento grave de silêncio. O aprendiz de ferreiro pôs sua mão solidária no ombro de Carter.

– Droga. Isso é duro. E olhe que ela era meiga feito um cordeiro. Nunca tentou morder nem escoicear quando você a levava para pôr ferraduras. A melhor égua da cidade. Droga. Eu... – Sua voz se extinguiu. – Droga, não sei o que dizer – repetiu, olhando em volta com ar desamparado.

Cob finalmente conseguiu livrar-se de Jake.

– Eu bem que avisei – reiterou, balançando o dedo na direção de Carter. – Nos últimos tempos, tem gente por aí que é capaz de matar por um par de vinténs, que dirá por um cavalo e uma carroça. O que você vai fazer agora? Vai puxá-la, você mesmo?

Fez-se um momento de silêncio incômodo. Jake e Cob trocaram olhares furiosos, enquanto os demais pareciam incapazes de falar, sem saber ao certo como consolar o amigo.

O hospedeiro se deslocou com cuidado em meio ao silêncio. Com os braços carregados, contornou Shep em passos ágeis e começou a arrumar umas coisas numa mesa próxima: uma vasilha com água quente, um tesourão, panos limpos, alguns frascos de vidro, agulha e linha para suturar.

– Isso nunca teria acontecido se ele tivesse me escutado, para começo de conversa – resmungou o velho Cob. Jake tentou acalmá-lo, mas Cob o afastou. – Só estou dizendo a verdade. É uma pena o que aconteceu com a Nelly, mas é melhor ele me dar ouvidos agora, senão vai acabar morto. Não se tem sorte duas vezes com esse tipo de gente.

A boca de Carter formou uma linha fina. Ele esticou o braço e puxou a ponta da manta ensangüentada. O que quer que estivesse lá dentro rolou uma vez e ficou preso no tecido. Carter puxou com mais força e houve um barulhão, como se um saco de seixos do rio virasse sobre o tampo da mesa.

Era uma aranha do tamanho de uma roda de carroça, negra como uma lousa.

O aprendiz de ferreiro deu um pulo para trás e esbarrou numa mesa, derrubando-a e quase caindo no chão. Cob ficou boquiaberto. Graham, Shep e Jake emitiram sons assustados, sem palavras, e se afastaram, levando as mãos ao rosto. Carter deu um passo atrás, quase como um tique nervoso. O silêncio encheu o aposento feito suor frio.

O hospedeiro franziu o cenho.

– Ainda não era para eles terem avançado tanto para o oeste – murmurou, baixinho.

Não fosse o silêncio, era improvável que alguém o tivesse ouvido. Mas ouviram. Desviaram os olhos da coisa em cima da mesa e fitaram o homem ruivo, emudecidos.

Jake foi o primeiro a recuperar a voz:

– Você sabe o que é isso?

O hospedeiro tinha o olhar distante.

– Scrael – respondeu ele, distraído. – Eu pensava que as montanhas...

– Scrael? – Jake o interrompeu. – Pelo corpo enegrecido de Deus, Kote! Você já viu uma dessas coisas?

– Hein? – fez o hospedeiro ruivo, levantando os olhos abruptamente, como se de repente se lembrasse de onde estava. – Ah, não. Não, é claro que não – disse. Ao ver que era o único situado a um braço de distância daquela coisa escura, deu um passo comedido para trás. – Foi só uma história que ouvi.

Todos o fitaram.

– Vocês se lembram do mercador que passou por aqui há umas duas onzenas?

Todos fizeram que sim.

– O cretino tentou me cobrar 10 vinténs por 200 gramas de sal – disse Cob, pensativo, repetindo a queixa talvez pela centésima vez.

– Eu gostaria de ter comprado um pouco – resmungou Jake. Graham assentiu em silêncio, balançando a cabeça.

– Ele era um pão-duro nojento – cuspiu Cob, parecendo consolar-se com as palavras conhecidas. – Dois eu poderia pagar, numa hora de aperto, mas 10 é um roubo.

– Não se houver mais dessas aí na estrada – disse Shep, com ar sinistro.

Todos os olhos se voltaram para a coisa na mesa.

– Ele me disse ter ouvido falar delas lá perto de Melcombe – apressou-se a explicar Kote, observando os rostos de todos, enquanto o grupo estudava a coisa na mesa.

– Achei que só estava tentando aumentar os preços.

– O que mais ele disse? – perguntou Carter.

O hospedeiro fez um ar pensativo por um instante, depois deu de ombros.

– Não peguei a história toda. Ele só passou umas duas horas na cidade.

– Não gosto de aranhas – disse o aprendiz de ferreiro, que continuou do outro lado da mesa, a uns 4 metros de distância. – Cubra isso.

– Não é aranha – disse Jake. – Não tem olhos.

– E também não tem boca – observou Carter. – Como é que isso come?

– E come *o quê?* – perguntou Shep, desanimado.

O hospedeiro continuou a fitar a coisa com curiosidade. Chegou mais perto, estendendo a mão. Todos se afastaram um pouquinho mais da mesa.

– Cuidado – disse Carter. – Os pés são afiados feito facas.

– São mais como lâminas, eu diria – comentou Kote. Seus dedos longos roçaram o corpo negro e amorfo do scrael. – É liso e duro feito louça.

– Não mexa com esse troço – disse o aprendiz.

Movendo-se com cautela, o hospedeiro pegou uma das pernas compridas e lisas e tentou quebrá-la com as duas mãos, como um graveto.

– Louça, não – corrigiu-se. Pôs a perna da coisa na borda da mesa e apoiou o peso do corpo sobre ela, que se partiu com um estalo forte. – Parece pedra – comentou e olhou para Carter. – Como foi que ele ficou com todas essas rachaduras? – indagou, apontando para as fraturas finas que fissuravam a superfície negra e lisa do corpo.

– A Nelly caiu em cima dele – respondeu Carter. – Essa coisa pulou de uma árvore e começou a andar pelo corpo dela, cortando-a com os pés. Era muito rápida. Nem entendi o que estava acontecendo.

Carter finalmente afundou na cadeira que Graham insistia em lhe oferecer e prosseguiu:

– A Nelly se enroscou nos arreios e caiu em cima desse troço, quebrou-lhe umas pernas. Depois ele veio atrás de mim, me alcançou e começou a rastejar por tudo – disse, cruzando os braços sobre o peito ensangüentado e estremecendo. – Consegui arrancá-lo de mim e pulei em cima dele com toda a força. Depois ele subiu em mim de novo...

A voz de Carter se extinguiu, o rosto empalideceu.

O hospedeiro balançou a cabeça, pensativo, e continuou a investigar a coisa.

– Não há sangue. Nem órgãos. É tudo cinza por dentro – disse, cutucando-o com um dedo. – Feito um cogumelo.

– Pelo grande Tehlu, deixe isso em paz! – implorou o aprendiz. – Às vezes as aranhas se crispam depois de mortas.

– Escutem só o que vocês estão dizendo – veio a observação cáustica de Cob. – Aranhas não ficam do tamanho de porcos. Vocês sabem o que é isso – afirmou, olhando em volta e encarando cada um dos presentes. – É um demônio.

Todos olharam para a coisa quebrada.

– Ora, vamos – discordou Jake, basicamente por hábito. – Isso não parece... – fez um gesto desconjuntado. – Não pode...

Todos sabiam o que ele estava pensando. É claro que havia demônios no mundo. Mas eram como os anjos de Tehlu. Iguais a heróis e reis. Seu lugar era nas histórias. Eles pertenciam ao *era uma vez*. O Grande Taborlin invocava o fogo e o raio para destruir os demônios. Tehlu os esfaляlhava nas mãos e os atirava uivando no vazio sem nome. Um amigo de infância não pisoteava um sujeito até a morte na estrada para Baedn-Bryt. Isso era ridículo.

Kote passou a mão pelo cabelo ruivo e rompeu o silêncio.

– Só há um jeito de saber com certeza – disse, enfiando a mão no bolso. – Ferro ou fogo – e puxou uma bolsinha de couro estufada.

– E o nome de Deus – salientou Graham. – Os demônios temem três coisas: o ferro frio, o fogo vivo e o santo nome de Deus.

A boca do hospedeiro se espremeu numa linha reta, que não chegou a ser propriamente uma carranca.

– É claro – concordou ele, esvaziando a bolsa na mesa e vasculhando as diversas moedas misturadas: pesados talentos e finas lascas de prata, iotas de cobre, moedas de meio vintém e ocos de ferro. – Alguém tem um gusa?

– Use um ocre – disse Jake. – É ferro de boa qualidade.

– Não quero ferro de boa qualidade – retrucou o hospedeiro. – O ocre tem carbono demais. É quase aço.

– Ele tem razão – confirmou o aprendiz. – Só que não é carbono. A gente usa coque para produzir aço. Coque e cal.

O hospedeiro meneou a cabeça para o garoto, com ar deferente:

– Você é que sabe, meu jovem mestre. Afinal, é o seu ofício – disse. Seus dedos compridos finalmente encontraram um gusa no monte de moedas. – Aqui temos.

– O que é que isso vai fazer? – perguntou Jake.

– O ferro mata demônios – respondeu Cob, com a voz insegura –, mas esse já morreu. Pode ser que não faça nada.

– Só há um jeito de descobrir – disse o hospedeiro, cruzando rapidamente o olhar com cada um deles, como se os avaliasse. Depois virou-se com deliberação para a mesa e os outros se afastaram um pouquinho mais.

Kote comprimiu o gusa de ferro na lateral negra da criatura e houve um estalido curto e estridente, como uma tora de pinho estalando na fogueira. Todos se assustaram, depois se acalmaram, vendo a coisa negra permanecer imóvel. Cob e os outros trocaram sorrisos trêmulos, feito meninos assombrados por uma história de fantasmas. Os sorrisos murcharam quando a sala se encheu do aroma adocicado e acre de flores em putrefação e cabelo queimado.

O hospedeiro apertou o gusa na mesa com um clique agudo.

– Bem – disse, esfregando as mãos no avental –, acho que isso resolve a questão. Que faremos agora?



Horas depois o hospedeiro se postou à entrada da Marco do Percurso e deixou os olhos relaxarem na escuridão. Rastros de luz das janelas da hospedaria se estendiam pela estrada de terra e pelas portas da ferraria do outro lado. Não era uma estrada larga nem muito movimentada. Não parecia levar a parte alguma, como faziam outras estradas. O hospedeiro inalou o ar outonal, respirando fundo, e olhou ao redor, inquieto, como se esperasse acontecer alguma coisa.

Chamava-se Kote. Escolhera o nome com cuidado ao chegar a esse lugar. Havia adotado um nome novo pela maioria das razões habituais e também por algumas inusitadas, dentre as quais se destacava o fato de os nomes não lhe serem importantes.

Levantando os olhos, ele viu milhares de estrelas cintilando no veludo escuro de uma noite sem lua. Conhecia todas, com suas histórias e seus nomes. Conhecia-as de um jeito familiar, como conhecia as próprias mãos.

Baixou os olhos, soltou um suspiro sem se dar conta e tornou a entrar. Trancou a porta e as venezianas das janelas largas da hospedaria, como para se afastar das estrelas e todos os seus nomes variados.

Varreu metodicamente o chão, limpando todos os cantos. Lavou as mesas e o bar, movendo-se e com eficiência paciente. Ao cabo de uma hora de trabalho, a água do balde ainda estava tão limpa que uma dama poderia usá-la para lavar as mãos.

Por último, puxou uma banquetta atrás do bar e começou a polir o vasto sortimento de garrafas aninhadas entre os dois enormes barris. Nem de longe foi tão desenvolto e eficiente nessa tarefa quanto nas anteriores, e não tardou a ficar claro que o polimento era apenas uma desculpa para tocar e segurar. Kote chegou até a cantarolar um pouco, embora não o percebesse, e teria sustado a voz se o soubesse.

Enquanto girava as garrafas nas mãos longas e graciosas, o movimento familiar alisou algumas rugas de fadiga em seu rosto, fazendo-o parecer mais jovem, com certeza abaixo dos 30 anos. Nem chegava perto dos 30. Jovem, para um hospedeiro. Jovem, para um homem com tantas rugas de cansaço no rosto.



Kote chegou ao alto da escada e abriu a porta. Seu quarto era austero, quase monástico. Havia uma lareira de pedra negra no centro do cômodo, um par de poltronas e uma mesinha. Os outros móveis eram uma cama estreita e um baú grande e escuro a seus pés. Nada decorava as paredes nem cobria o assoalho de madeira.

Houve passos no corredor e um rapaz entrou no quarto carregando uma tigela fumegante de guisado que recendia a pimenta. Era moreno e atraente, de sorriso fácil e olhar astuto.

– Faz uma boa onzena que você não fica aberto até tão tarde – disse, entregando a tigela. – Hoje as histórias devem ter sido boas, Reshi.

Reshi era outro nome do hospedeiro, quase um apelido. Ouvi-lo o fez repuxar um canto da boca num sorriso irônico enquanto afundava na poltrona em frente à lareira.

– E então, o que aprendeu hoje, Bast?

– Hoje, mestre, aprendi por que os grandes amantes enxergam melhor do que os grandes eruditos.

– E qual é a razão, Bast? – perguntou Kote, com um toque levemente divertido na voz.

Bast fechou a porta e foi sentar na segunda poltrona, virando-a de frente para o professor e a lareira. Movia-se com estranha graça e delicadeza, como se estivesse prestes a dançar.

– Bem, Reshi, todos os livros enriquecedores ficam em lugares fechados, nos quais a luz é ruim. Mas as moças encantadoras tendem a ficar do lado de fora, ao sol, e por isso são muito mais fáceis de estudar, sem risco de prejudicar os olhos.

Kote assentiu com a cabeça e disse:

– Mas um aluno excepcionalmente inteligente poderia levar o livro para o lado de fora e melhorar sua situação, sem medo de reduzir sua amada faculdade da visão.

– Também pensei nisso, Reshi. Por ser, é claro, um aluno excepcionalmente inteligente.

– É claro.

– Mas quando encontrei um lugar ao sol em que podia ler apareceu uma moça bonita que me impediu de fazer qualquer coisa desse tipo – concluiu com um floreio.

Kote deu um suspiro.

– Será que tenho razão ao presumir que você não conseguiu ler nada do *Celum Tinture* hoje?

Bast conseguiu fazer um ar meio envergonhado.

Contemplando o fogo, Kote tentou assumir uma expressão severa, mas fracassou.

– Ah, Bast, espero que ela tenha sido encantadora como uma brisa morna na sombra. Sou um mau professor por dizer isso, mas fico contente. Não estou com disposição para uma longa série de aulas neste momento – disse. Houve um instante de silêncio. – Hoje à noite o Carter foi atacado por um scrael.

O sorriso fácil de Bast ruiu como uma máscara rachada, deixando seu rosto abalado e pálido.

– Scrael? – repetiu. Chegou quase a ficar de pé, como se fosse disparar do quarto, depois franziu o cenho, sem jeito, e se obrigou a sentar novamente. – Como você soube? Quem encontrou o corpo?

– Ele ainda está vivo, Bast. Carter trouxe o scrael para cá. Só havia um.

– Não existe isso de scrael sozinho – contrapôs Bast, categórico. – Você sabe.

– Eu sei – concordou Kote. – Mas persiste o fato de que só havia um.

– E ele o *matou*? – indagou Bast. – Não pode ter sido um scrael. Talvez...

– Bast, era um scrael. Eu o vi – declarou Kote, lançando-lhe um olhar sério. – Ele teve sorte, só isso. Mesmo assim, ficou muito machucado. Quarenta e oito pontos. Usei quase toda a minha linha de sutura – informou, beliscando o ensopado na tigela. – Se alguém perguntar, diga que meu avô era guarda de caravanas e me ensinou a limpar e suturar ferimentos. Hoje eles estavam chocados demais para perguntar, mas amanhã pode ser que alguns fiquem curiosos. Não quero que isso aconteça – completou. Soprou a tigela e levantou uma nuvem de vapor quente em volta do rosto.

– O que você fez com o corpo?

– *Eu* não fiz nada – disse Kote, em tom incisivo. – *Eu* sou apenas um hospedeiro. Esse tipo de coisa está muito além da minha alçada.

– Reshi, você não pode simplesmente deixar que eles se metam nisso sozinhos.

Kote deu um suspiro.

– Eles o levaram para o padre. Ele fez tudo certo, por todas as razões erradas.

Bast abriu a boca, mas Kote prosseguiu antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

– Sim, eu me certifiquei de que a cova fosse bem funda. Sim, certifiquei-me de que houvesse madeira de sorveira-brava no fogo. Sim, certifiquei-me de que o queimassem por muito tempo na fogueira ardente antes de enterrá-lo. E sim, eu me assegurei de que ninguém guardasse um pedaço dele como lembrança – completou, franzindo o sobrolho até quase juntar as sobrancelhas. – Não sou idiota, você sabe.

Bast relaxou visivelmente, reacomodando-se na poltrona.

– Sei que não é, Reshi. Mas eu não confiaria em que metade dessa gente soubesse urinar na direção do vento sem ajuda – retrucou o rapaz. Fez um ar pensativo por um momento. – Não consigo imaginar por que só havia um.

– Talvez eles tenham morrido ao atravessar as montanhas – sugeriu Kote. – Todos, menos esse.

– É possível – admitiu Bast, com relutância.

– Talvez tenha sido aquele temporal de dias atrás – lembrou Kote. – Um verdadeiro virador de carroças, como costumávamos dizer nos tempos da trupe. Pode ser que todo aquele vento e a chuva tenham feito um deles se desgarrar do bando.

– Gosto mais da sua primeira idéia, Reshi – disse Bast, incomodado. – Três ou quatro scraels passariam por esta cidade como... como...

– Como uma faca quente na manteiga?

– Seria mais como várias facas quentes atravessando várias dezenas de lavradores

– retrucou Bast, em tom seco. – Essa gente não sabe se defender. Aposto que não há nem seis espadas em toda a cidade. Não que as espadas fossem adiantar grande coisa contra um scrael.

Houve uma longa pausa de silêncio pensativo. Passado mais um momento, Bast começou a se remexer.

– Alguma novidade?

Kote abanou a cabeça.

– Hoje eles não chegaram às notícias. O Carter perturbou a situação quando ainda estavam contando histórias. Já é alguma coisa, suponho. Amanhã à noite eles voltam. Isso lhes dará algo que fazer.

Kote cutucou preguiçosamente o ensopado com a colher.

– Eu devia ter comprado o scrael do Carter – refletiu. – Ele podia ter usado o dinheiro num cavalo novo. Viria gente de toda parte para vê-lo. Poderíamos ter algum movimento, para variar.

Bast lançou-lhe um olhar mudo, horrorizado.

Kote fez um gesto pacificador com a mão que segurava a colher.

– Estou brincando, Bast. – Deu um sorriso tímido. – Mesmo assim, teria sido bom.

– Não, Reshi, com toda a certeza, *não teria sido bom* – objetou Bast enfaticamente.

– “Viria gente de toda parte para vê-lo” – repetiu em tom zombeteiro. – Até parece.

– O *movimento* seria bom – esclareceu Kote. – O *mo-vi-men-to* seria bom. – Tornou a fincar a colher no ensopado. – Qualquer coisa já seria agradável.

Os dois permaneceram quietos por um bom momento, Kote franzindo o cenho para a tigela de ensopado nas mãos, com o olhar distante.

– Isto aqui deve ser terrível para você, Bast – disse, por fim. – Você deve ficar entorpecido de tédio.

Bast encolheu os ombros.

– Há umas esposas jovens na cidade e um punhado disperso de filhas – disse, sorrindo feito criança. – Sou levado a criar minha própria diversão.

– Isso é bom, Bast. – E veio outro silêncio. Kote pôs mais uma colherada na boca, mastigou e engoliu. – Eles acharam que era um demônio, sabe?

Bast deu de ombros.

– É bem possível que fosse, Reshi. Provavelmente, é a melhor coisa que eles podem achar.

– Eu sei. Eu os incentivei, na verdade. Mas você sabe o que isso significa – disse. Fitou Bast nos olhos. – O ferreiro ficará com os negócios movimentados nos próximos dias.

O rosto do rapaz assumiu uma expressão cuidadosamente vazia.

– Ah.

Kote balançou a cabeça.

– Não vou censurá-lo se quiser ir embora, Bast. Você tem lugares melhores para ficar do que aqui.

A expressão do outro foi de choque.

– Eu não poderia ir embora, Reshi – disse. Abriu e fechou a boca algumas vezes, incapaz de encontrar as palavras. – Quem mais me ensinaria?

Kote sorriu e, por um instante, seu rosto mostrou como ele era realmente jovem. Por trás das rugas cansadas e da expressão plácida de hospedeiro, parecia não ser mais velho do que seu companheiro de cabelos pretos.

– É mesmo, quem? – indagou. Apontou para a porta com a colher. – Então vá fazer suas leituras ou importunar a filha de alguém. Tenho certeza de que você tem coisas melhores a fazer do que me olhar enquanto eu como.

– Na verdade...

– Vade-retro, satanás! – exclamou Kote, passando para um sotaque têmico carregado, ainda com a boca meio cheia. – *Tehus antausa eha!*

De susto, Bast soltou uma gargalhada e fez um gesto obsceno com uma das mãos.

Kote engoliu e trocou de língua:

– *Aroi te denna-leyan!*

– Ora, francamente – censurou Bast, cujo sorriso se desfez. – Isso é ofensivo.

– Em nome da terra e da pedra, eu o renego! – fez Kote. Molhou os dedos na xicara a seu lado e borrifou umas gotas sem cerimônia na direção de Bast. – Que seja banida a sedução!

– Com sidra? – perguntou ele, que conseguiu fazer um ar divertido e irritado ao mesmo tempo, enquanto secava uma gota de líquido no peito da camisa. – É melhor isso não manchar.

Kote comeu outra colherada.

– Vá colocá-la de molho. Se a situação ficar desesperadora, recomendo que você se sirva de uma das numerosas fórmulas de solventes constantes do *Celum Tinture*. Capítulo 13, eu acho.

– Ótimo – disse Bast. Levantou-se e se encaminhou para a porta, pisando com uma graça estranha e desenvolta. – Chame, se precisar de alguma coisa. – E fechou a porta ao sair.

Kote comeu devagar, enxugando o restinho do ensopado com um pedaço de pão. Olhou pela janela enquanto comia, ou tentou, já que a luz da lamparina transformava sua superfície num espelho contra a escuridão ao fundo.

Seus olhos vagaram pelo quarto, inquietos. A lareira era feita da mesma rocha negra da que ficava no térreo. Situava-se no centro do cômodo, uma pequena proeza de engenharia da qual Kote se orgulhava muito. A cama era pequena, pouco mais que um catre, e quem a tocasse veria que o colchão era quase inexistente.

Um observador tarimbado talvez notasse que havia uma coisa que o olhar dele evitava, do mesmo jeito que se evita encarar um ex-amante num jantar formal, ou um velho inimigo sentado do outro lado do salão de uma taberna cheia, tarde da noite.

Kote tentou relaxar, não conseguiu, remexeu-se, suspirou, mudou de posição na poltrona e, sem querer, deu com os olhos no baú aos pés da cama.

Era de roah, uma espécie rara e pesada de madeira, preta como carvão e lisa como vidro polido. Valorizada por perfumistas e alquimistas, um pedacinho dela, do tamanho do polegar, valia facilmente seu peso em ouro. Ter um baú dessa madeira ia muito além da extravagância.

O baú tinha três fechos. Um de ferro, um de cobre e um terceiro que não se podia ver. Nessa noite a madeira enchia o quarto do aroma quase imperceptível de frutas cítricas e ferro ao ser temperado.

Ao pousarem no baú, os olhos de Kote não se desviaram depressa. Não resvalaram de lado com ar sonso, como se ele quisesse fingir que o baú não estava lá. Mas, em um minuto de contemplação, seu rosto recuperou todas as rugas que os prazeres simples do dia tinham aos poucos alisado. O consolo trazido pelas garrafas e pelos livros se apagou num segundo, não deixando em seu olhar nada além de vazio e dor. Por um momento, a saudade e o pesar intensos entraram em guerra em sua face; depois desapareceram, substituídos pelo rosto fatigado de um hospedeiro, de um homem que se dava o nome de Kote. Ele tornou a suspirar, sem perceber, e se forçou a ficar de pé.

Demorou muito até passar pelo baú e chegar à cama. Uma vez deitado, custou muito a dormir.



Como imaginara Kote, eles voltaram à Marco do Percurso na noite seguinte, para jantar e beber. Houve algumas tentativas frouxas de contar histórias, mas logo se extinguíram. Ninguém estava mesmo no clima.

Por isso, ainda era cedo quando a discussão se voltou para assuntos de maior peso. Os homens remoeram os boatos que haviam chegado à cidade, quase todos perturbadores. O Rei Penitente vinha enfrentando dificuldades com os rebeldes em Resavek. Isso causou certa apreensão, mas apenas num sentido geral. Resavek ficava muito longe, e até Cob, o mais experiente deles, teria dificuldade para encontrá-la no mapa.

Os homens discutiram a guerra em seus próprios termos. Cob previu uma terceira arrecadação de impostos, depois de terminada a colheita. Ninguém o contestou, embora não houvesse na memória viva nenhum ano em que o povo tivesse sido sangrado três vezes.

Jake achou que a safra seria boa o bastante para que a terceira cobrança não levasse a maioria das famílias à bancarrota; exceto os Bentley, que já andavam apertados mesmo; os Orisson, cujas ovelhas continuavam a desaparecer; e Martin Maluco, que nesse ano só havia plantado cevada. Todos os lavradores com um mínimo de cérebro tinham plantado feijão. Essa era uma coisa boa em toda aquela brigalhada: soldados comiam feijão e os preços subiam.

Depois de mais alguns copos, expressaram-se preocupações mais profundas. As estradas estavam cheias de soldados desertores e outros oportunistas, o que tornava arriscadas até as viagens curtas. As estradas eram sempre ruins, é claro, assim como o inverno era sempre frio. A pessoa reclamava, tomava precauções sensatas e ia tratando de levar a vida.

Mas isso era diferente. Nos dois meses anteriores, as estradas tinham ficado tão ruins que as pessoas haviam parado de reclamar. A última caravana tivera duas carroças e quatro guardas. O mercador pedia 10 vinténs por 200 gramas de sal, 15 por um torrão de açúcar. Ele não tinha pimenta, canela nem chocolate. Tinha uma pequena saca de café, mas pedia dois talentos de prata por ela. No começo, as pessoas riram de seus preços. Depois, quando fincara pé, o pessoal cuspira e praguejara contra ele.

Isso tinha sido duas onzenas antes: 22 dias. Não surgira nenhum outro mercador sério desde então, embora essa fosse a temporada certa para tal. Por isso, mesmo com a terceira arrecadação de impostos avultando na cabeça de todos, as pessoas remexiam na bolsa e desejavam ter comprado alguma coisinha, para o caso de as neves chegarem cedo.

Nenhum deles falou da noite anterior nem da coisa que haviam queimado e enterado. Outras pessoas comentavam, é claro. A cidade fervilhava de fofocas. Os ferimentos de Carter garantiam que as histórias fossem levadas mais ou menos a sério, porém não muito mais do que meio a sério. Falava-se a palavra “demônio”, mas com sorrisos parcialmente escondidos por trás das mãos levantadas.

Só os seis amigos tinham visto a coisa antes de ela ser queimada. Um deles fora ferido e os outros tinham estado bebendo. O padre também a vira, mas ver demônios era seu ofício. Os demônios eram bons para seus negócios.

O hospedeiro a vira igualmente, parecia. Mas não era da região. Não podia conhecer a verdade tão evidente para todos os nascidos e criados naquela cidadezinha: ali se contavam histórias, mas estas aconteciam noutros lugares; ali não era lugar para demônios.

Além disso, as coisas já andavam mal o suficiente, sem que se acrescentassem outros problemas. Cob e os demais sabiam que não fazia sentido conversar sobre o assunto. Tentar convencer a população só faria transformá-los em motivo de chacota; como o Martin Maluco, que já fazia anos que tentava escavar um poço dentro de casa.

Mesmo assim, cada um deles comprou do ferreiro um pedaço de ferro batido tão pesado quanto era capaz de manejar, e nenhum comentou sobre o que pensava. Em vez disso, todos se queixaram de que as estradas andavam ruins e vinham piorando. Falaram de mercadores, desertores e impostos, e de não haver sal suficiente para atravessar o inverno. Recordaram que três anos antes ninguém pensava em fechar as portas à noite, muito menos em lhes pôr trancas.

A partir daí a conversa tomou um rumo decrescente e, embora ninguém dissesse o que pensava, a noite terminou com um toque de tristeza. Do jeito que os tempos andavam, a maioria acabava assim, ultimamente.